



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

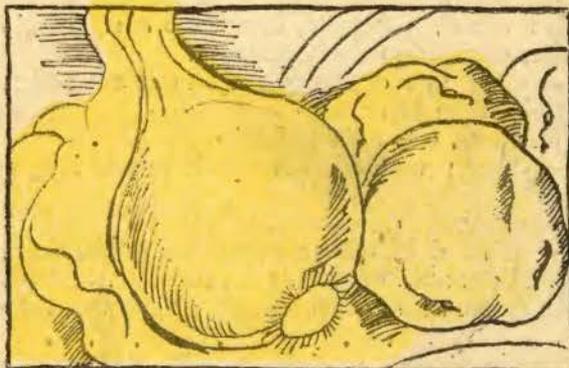
O SECULO

DE SANTA
RITA

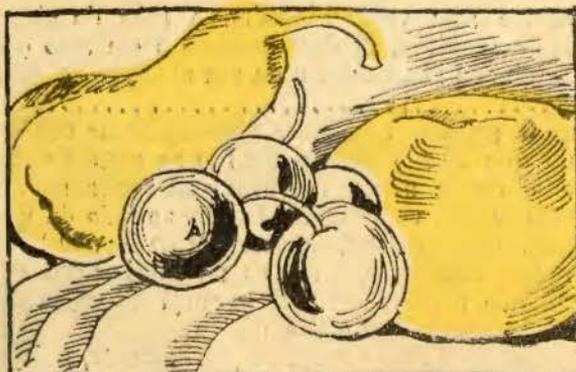
ESQUISITICES



Toninho é muito esquisito,
niquento de paladar,
ao contrário de Zézito
que é um menino bonito,
pois tudo come ao jantar.



Toninho faz zaragata
e scenas bastante tolas,
ante as comidas baratas,
tal como sejam batatas
e, sobretudo, cebolas.



O menino impertinente
só tinha um desejo: — era,
passar a vida, somente,
a comer, constantemente,
cerejas, maçã ou pera.

Certa manhã, estando à mesa,
diz o Toninho ao irmão
causando a este surpresa:
— «Se não comes, com certeza
que apanhas um bofetão!»



— «Porquê?!...» pergunta Zézinho
que come de tudo o que há.
— «Porque também o papá,
(responde altivo o Toninho),
quando eu não como, mo dá.

A RAPOZINHA

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHOS DE OFELIA MARQUES

Continuado do número anterior

Ao dar com êle, Enélio exclamou alegremente: — «Gigante Isaúl, ia agora ao teu encontro para obter de ti a promessa feita ontem. Vem dar-me a água, anda.»

Isaúl nada disse, mas no feroz olhar brilhavam-lhe mil scintillas de ódio e via-se claramente que ruminava qualquer terrível plano, certamente deveras perigoso para o nosso simpático príncipe. Em frente dêle, Enélio contemplava-o numa expressão enérgica.

De súbito, o gigante, compondo um amarelo sorriso, exclamou triunfantemente:

— «Para que obtenhas a água que me pedes, necessito dum favor teu.»

— «Pede, que tudo te farei.»

— «Ouve; vem cá. Vês aquele castelo longínquo?»

— «Vejo.»

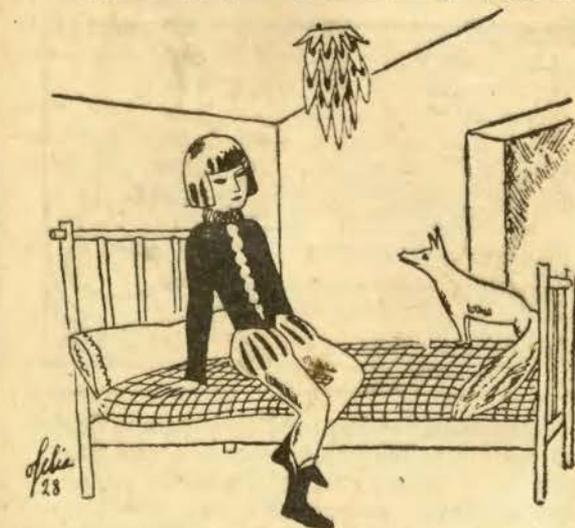
— «Pois é lá que se encontra a minha única filha, há dez anos encantada em serpente. Se fores capaz de ma trazer desencantada, a água será tua.»

Enélio pôs-se a caminho, mas tão desalentado e triste que até o Sol se pôs ao meio dia.

De súbito, porém, teve uma ideia e, alegremente, exclamou:

— «Acode-me, ó rapozinha branca!»

Imediatamente, a rapozinha surgiu ante a sua



esperança, rompendo o Sol novamente ao ver Enélio a sorrir.

— «Enélio, murmurou a rapozinha:

Não digas o que queres; eu sei. Ouve: ao chegares á porta do castelo, acenarás com a mão,

mesmo sem veres ninguém. A filha do gigante há-de seguir-te, já desencantada e em todo o esplendor da sua beleza e da sua alminha de Anjo.»

O gigante, que ficara absolutamente confiado em que Enélio teria o seu fim no castelo encantado, donde nunca ninguém conseguira sair, ao vê-lo surgir, na volta da estrada, ao lado da linda Zara, quasi desmaiara de surpresa e ódio! Mas, rapidamente, escondendo-se na ampla porta dum estábulo, preparou-se para os surpreender, brusca-mente, dando-lhes morte rápida.

Enélio e Zara avançavam, afoitamente, mal presentindo o perigo.

Faltavam apenas, meia dúzia de passos, quando, porém, por detraz do medonho gigante, surgiu, silenciosamente, a figurinha gentil da rapozinha branca, levando numa das alvas mãosinhas um afiado punhal que num gesto certo lhe cravou no coração, dando-lhe morte instantânea.

Um grande berro ecoou pela amplidão infinita dos campos.

Enélio e Zara cingiram-se, trémulamente, num

OS RATINHOS

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de OFELIA MARQUES



OIS, meus meninos, eu já começava a irritar-me, porque todas as noites, infalivelmente... trrr-trrr-trrr... os ratinhos me não deixavam dormir.

Emquanto havia claridade e movimento no quarto, nada se ouvia — sossêgo absoluto.

Mas, assim que a porta se fechava e os meus dedos ensonados premiam o botão da luz, — zumba!

A princípio vagamente, quasi imperceptivelmente: — trrr-trrr-trrr, — depois mais forte, mais acentuado e depois já confiadamente, indiferentemente, sem a menor consideração pelo meu repouso: — trrr-trrr-trrr... —

Enfasiada, aborrecida, maçada, eu sacudia:

— Chet, chet! e monologava: mas onde diabo estão eles!?? A casa não é velha! Não tem buracos! Naturalmente é no fórrô! Ora esta!... Chet! Chet!

Mas qual! O ruído continuava irritante, sarcástico, zombeteiro: — trrr-trrr-trrr.

A noite passada, porém, não pude mais. Abri a luz, enverguei a robe e caminhei ao encontro do maldito ruído, disposta a espancar, a ferir, matar, a derrubar céus e terra, ratos e ratazanas e todos os infernais bicharôcos

longo abraço espiritual e puro, enquanto a formosa jóvem lhe segredava aos ouvidos, pasmados de tanto mistério e surpresa:

— «Olha, meu príncipe salvador! Foi meu pai que morreu!

Enélio, tonto de alegria, apertando-a muito de encontro ao peito heroico, exclamou em êxtase:

— «O' amiguinha querida! Foi a rapozinha branca! Foi ela quem nos salvou!»

No dia seguinte a rapozinha branca, conduzindo-os à fonte sagrada, encheu-lhes de água o lindo vaso de ouro e em seu divino condão, — por Amor de Enélio, — restitui a Vida aos princezinhos Orlando e Eugénio, que jaziam encantados numa das dependências do castelo longinquo e os quais juraram ser, de futuro, tão bons e tão sensatos como o feliz Enélio.

E, daí a dias, o País dos Lilazes embandeirava-se e por todos os cantos refloria o prazer.

Mal chegaram ao palácio real os três prínci-

do mundo. Chegando ao lugar donde provinha o arrepiante «trrr», baixei-me e perscrutei.

Era no guarda-vassoura quasi por detrás do móvel. Aparentemente tudo estava bem, tudo composto, tudo normal.

Mas, investigando mais detidamente e à medida que o ruído persistia, (porque, desta vez, a luz não intimidava os ousados roedores) pois vi que o guarda-vassoura oscilava, muito levemente, à cadência do ruído.

E de repente — ó céus! — numa tremura dolorosa, descobri uma minúscula perninha entalada numa frincha da madeira, uma perninha levemente rosada, uma perninha infantil de ratinho-bébé!

E o ruído persistia, persistia sempre: — trrr-trrr-trrr.

Então, em rápida dedução, avalei toda a intensidade do drama:

— Ratinho-bébé havia, — (não sei porque fatal processo!) — entalado a perninha na frincha aberta no guarda-vassoura e a doce ratinha-Mãe, chorosa, amargurada pela dor, pela ansiedade, tentava, freneticamente, heroicamente, des-

invencilhar da madeira a tenrinha pernita do seu filho! Certamente que o ratinho já estava morto a

(Conclui na pag. 6).



zinhos e a formosa Zara, esta, num gesto de doçura infinita, orvalhou os olhos ceguinhos do rei, com a água sagrada da milagrosa fonte.

Imediatamente ele viu a luz do Sol e, numa Alegria doida, esfusiante, louca, cingiu nos braços, trémulos de Ventura, os quatro seres, que, de tão longe, lhe conduziam o precioso condão.

Decorrido um mês, na suntuosa capela do palácio, uns Noivos recebiam a bênção de Deus, prometedora da Felicidade eterna.

Seguiu-se a missa. E, ao elevar a Hóstia, Enélio e Zara ergueram as alvas mãos, num lindo gesto de adeus, a uma visão branquinha, que, apenas eles descortinavam, entre o refulgir das velas e as faces coloridas das Rosas do altar: — era a rapozinha branca, que, tendo dado na Terra o prêmio ao príncipe Enélio, pela sua Bondade, subia radiosa ao Céu, a repousar, emfim, no eterno lugar.



OS DOIS AMIGOS

por José Augusto do Vale

Desenhos de A. Castañé



ESTEJAVAM-SE, a 15 de Setembro, os anos de Carlinhos de Sousa que era o menino mais querido e amado em toda aquela pequena aldeia.

Para a festa ser mais completa, resolveram, os seus pais, que ela se efectuasse no próprio edifício onde Carlinhos tinha nascido, em companhia do seu avô. Por isso regressaram da praia, num luxuoso automóvel, juntamente com outros parentes íntimos da casa.



Além destes parentes, ainda a mãe de Carlinhos mandou convidar outras pessoas amigas.

Depois dos convites feitos, sua mãe destinou para o jantar iguarias várias e umas *revoadas de doces* que fariam inveja ao mais guloso brasileiro.

Carlinhos ao ver tanto aparato em sua honra, estava radiante de contentamento. Mas sentia que alguém lhe faltava. Esse alguém era o seu amigo Júlio Silvestre.

Por isso, no mesmo dia da sua chegada, lembrou-se de ir bater à porta do cavebre em que ele vivia. Ali soube que tinha mudado para um outro casebre, ainda distante, onde se encontrava muito doente.

Diriziu-se para a residência indicada. Durante o caminho, foi-lhe passando pela imaginação todo o tempo das aulas, onde Júlio Silvestre era sempre o seu companheiro de





carteira, desde o tempo em que a sua pobre mãe para aquela terra viera. Também se lembrava de que o pai de Júlio tinha emigrado, há muitos anos para «Terras de Santa Cruz» e que, devido à sua falta de Instrução, não conseguira amearhar meia dúzia de escudos.

Chegou, finalmente, à residência do seu querido amigo. Carlinhos, bem educado como era, pediu licença e entrou para ver Júlio Silvestre e, bem assim, informar-se pessoalmente do seu estado de saúde.

Ficou espantado, ao vê-lo tão pálido e minado por uma fraqueza de estarrecer! Pouco tempo se demorou junto dele. E, calando-se muito bem caladinho, saiu rapidamente, para sua casa onde foi contar a sua mãe o que tinha observado. Em seguida, depois de a beijar e abraçar mais de uma vez, disse-lhe:

— «Minha mãe, sabeis qual era a festa melhor que me podeis fazer?»

— Não sei, meu filho; dize lá...

— Era enviar, desde já, um frango tostado e alguns gelados ao meu pobre amigo Júlio Silvestre, que morrerá de franqueza, se alguém o não socorrer. Não calcula, minha mãe, como eu fui encontrá-lo doentel!...

— Pois, sim, meu filho. Af tens o que fez a nossa ausência: Se nós cá estivessemos, não chegaria Júlio a esse estado.

— E' a pouca sorte dos pobres, minha mãe.

— Dizes bem, meu filho. E' a pouca sorte!...

— Se a minha mãe não tiver, agora, pessoa disponível que lá possa ir levar-lhe os comestíveis, eu mesmo sirvo de portador.

— Não é preciso, meu filho. Para casos desta natureza, há sempre um portador.

E, rematando o diálogo, com um beijo na face de Carlinhos, saiu, apressadamente, em direcção à capoeira onde escolheu uma das galinhas mais gordas, que mandou para casa do amigo de seu filho, juntamente com um abundante farnel de variados mantimentos.

Daí por diante não faltou coisa alguma em casa de Júlio

lio Silvestre. E' claro que melhorou passado pouco tempo, continuando no fim de férias, ao lado de Carlinhos na Escola, até ao dia em que foram chamados a Exame.

Feito o Exame no mesmo dia, ficando aprovados, tomaram, depois, rumo diverso, sem nunca deixarem de ser amigos.

Carlinhos foi tomar uma formatura. E Júlio Silvestre trabalhou durante algum tempo na casa de Carlinhos de Sousa.

Passaram-se anos. Carlinhos que, nesta altura, já era o sr. Dr. Carlos de Sousa, regressou a casa formado em medicina e Júlio Silvestre, homem trabalhador e cheio de Esperança no futuro, tomou por arrendamento uma grande quinta a que deu o nome de — «Quinta da Fontainha». Para garantia do contrato serviu-lhe de fiador o seu velho amigo Dr. Carlos de Sousa.

Mais tarde, Júlio Silvestre, adquiriu por compra a dita «Quinta da Fontainha», simplesmente com o produto de várias economias que, a pouco e pouco, foi amontoando na Caixa Económica.

Uma vez colocado já num certo grau de preponderância, com a família farta e os criados satisfeitos, passou a gosar uma certa estima por todos aqueles arredores.

Ora, como a sua conduta era irrepreensível, aconteceu ser votado para o cargo de Presidente dum Sindicato Agrícola. Tomou conta do cargo: Dedicou-se, logo, a estudar diversos problemas, terminando por vincar o seu nome em vários planos de administração perfeita.

O Dr. Carlos de Sousa visitava-se frequentes vezes com êle, assim como as suas famílias.

E, nas tardes de Outono, de núvens amareladas, como as folhas das videiras prestes a despedirem-se, quando os camponeses viam passar os dois grandes proprietários, em frequentes caçadas, diziam sempre: — Lá vão «OS DOIS AMIGOS».

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

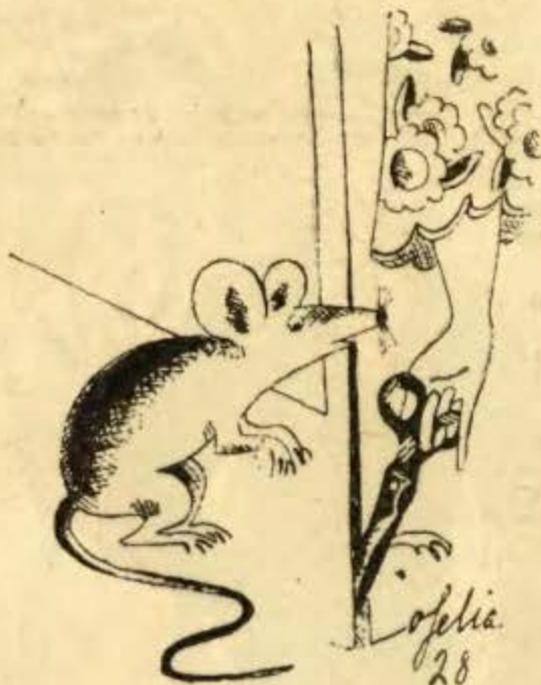
essa hora, mas a pobre ratinha Mãe continuava sempre na furiosa luta de o salvar.

instantes, vi a perninha desaparecer, já finalmente liberta da pressão da madeira.

Eu então, meus Meninos, — (eu que me erguera do leito no propósito firme de espancar, de ferir, de matar, de derruir Céus e Terra, ratos e ratanzanas e todos os bicharôcos do Mundo) com o auxílio dos bicos duma tesoura velha, comecei, com infinitas precauções, auxiliando a desditosa Mãe na sua heroica tarefa, desgastando a madeira, já levemente abalada pelo efeito dos dentinhos maternos.

Porém, mal encetei o meu trabalho, suspendeu ela imediatamente o seu e eu fiquei a pensar em que pensaria aquela cabecita de rata-Mãe!...

E fui desgastando, desgastando, até que, daí a || — Obrigada!



Então, investiguei pela fenda que ficava no guarda-vassoura e tive um alegre e feliz sorriso de ternura e surpresa:

No fundo negro do buraquinho, uns olhinhos muito azúis, muito lípidos, fitavam, espantadamente, a aberturazita que eu alargara.

Era a ratinha-Mãe!

E fui deitar-me, novamente, adormecendo tranqüila e feliz, contente comigo por haver auxiliado alguém.

E lembro-me agora haver sonhado com dois olbitos lindos, muito azúis, que, numa expressão de doçura infinita, me murmuravam, comovidamente:

F I M

ENIGMAS

1. -do K to

2. -do K to

3. -do K to

4. -LA +RES!

5. -LA +RES!

6. -LA +RES!

7. -LA +RES!

ENIGMA

1. -LA +IS

2. -BO +V

3. -CA +MHA

4. -LE +RÇA

5. -RS +M

6. -RS +M

7. -RS +M

8. -RS +M

Obcecção



Zé Runa e sua esposa,
D. Rosa,
vão sair, vão passear,
certa manhã radiosa,
com solzinho de tentar

Nisto, ao ver uma coluna,
o Zé Runa,
bastante bisbilhoteiro,
repara que lá no alto
estava um grande letreiro.



Tentou ler o que dizia,
mas não via
à distância a que ele estava;
e, devido à miopia,
nem D. Rosa alcançava.

Já em casa, já deitado,
tendo ao lado
a D. Rosa, o Zé Runa
pensa, bastante intrigado,
no letreiro da coluna.



Como não possa dormir,
resolve ir
novamente à taboleta,
com o fim de conseguir
ler o que tanto o inquietava.

Chegado lá, o Zé Runa
p'la coluna
trepou e não faz má figura
mas, já lá no tópo, lê:
— Cuidado com a pintura.